



PEDRO VAZ

PAISAGEM TRADUZIDA
Translated Landscape

Quando conversamos com Pedro Vaz sobre a paisagem, percebemos de imediato que há uma imersão absoluta, uma entrega total à tentativa de compreender e apreender a natureza. Pedro Vaz conta com uma obra coerente, e tem seguido – tal e como nos seus os trilhos que o levam a ver paisagens deslumbrantes, solitárias e, por vezes, assustadoras – um caminho rigoroso no estudo que leva a cabo sobre o mundo vegetal. Contou-me nos nossos primeiros encontros que para pintar a natureza não bastava olhar para ela, tinha de a viver. “Normalmente penso em lugares, caminhos e florestas, ou outras categorias de configurações vivas e naturais. Depois, crio um plano de interpretação, de experiência com essa natureza, que pode ser uma caminhada, longa ou curta, ou uma permanência num lugar de um dia, ou de um mês. Tudo é possível. No entanto, começo quase sempre com um plano, que se completa ou ganha autonomia através do contacto com o mundo natural.”

O seu sorriso afável e a sua generosidade podem ser uma boa descrição da forma como se deixa conhecer; rigor e método traduzem a sua forma de trabalhar. Um atelier organizado, sistematizado, repleto de pincéis e latas, uma mesa e cavaletes especificamente concebidos e desenhados por Vaz dá-nos as boas vindas. Para o artista, há um campo a explorar, e quer fazê-lo com sistema, através de largas caminhadas como pode ser a última: o difícilíssimo trilho de 855 quilómetros, a Grande Rota Transpirenaica GR11, entre o Cabo de Higuer e o Cabo de Creus, 45 dias a percorrer a linha dos Pirineus, exercício que serviu de base para a lindíssima exposição patente no Centro de Arte de Burgos de Setembro de 2021 a Janeiro de 2022.

When talking to Pedro Vaz about landscapes, we immediately realise that there is an absolute immersion, a total surrender to the attempt to understand and grasp nature. Pedro Vaz has built up a coherent body of work, and has followed – just like the paths leading him to contemplate stunning, lonely and sometimes frightening landscapes – a demanding path in the study he has undertaken of the vegetable world. In our first meetings, he told me that to paint nature by simply looking at it was not enough; he had to live it. “I usually think of places, paths and forests, or other categories of living and natural configurations. Then I devise a plan of interpretation, of experience with that nature, which might be a walk, whether long or short, or it might involve staying in a place for a day or even a month. Anything is possible. However, I almost always start with a plan, which is completed or becomes autonomous through contact with the natural world.”

His warm smile and his generosity may be a good way of describing how he lets himself be understood; rigour and method are what convey his way of working. An organised, systematised studio, full of brushes and tins, a table and easels especially conceived and designed by Vaz welcomes us. For the artist, there is a terrain to explore, and he seeks to do this systematically, on long treks like the last one: the extremely demanding 855-kilometre trail, the Great Trans-Pyrenean Route GR11, between Cape Higuer and Cape Creus. 45 days on foot following the line of the Pyrenees, an exercise that provided the foundation for the stunningly beautiful exhibition on display at the Burgos Art Centre from September 2021 to January 2022.



O trabalho de terreno leva-o a passar vários dias a caminhar por paisagens tão diversas como a Floresta Amazônica – Mata Atlântica, cujo trilho histórico conta-va com vários anos fechados, mas a insistência e a vontade de vivenciar a floresta tropical conseguiram vencer, não só permitindo fazê-lo, mas também reabrindo a rota para outros caminhantes. Após alguns anos em Portugal, o seu território mais natural, partiu para outras paisagens tão opostas como as do Superstition Mountains, no deserto do Arizona ou os Alpes. As séries produzidas a partir destas experiências são testemunha de um universo muitas vezes distante ou até desconhecido. “A paisagem é, para mim, uma forma de relação com a natureza e o modo como esta relação se traduz.”

A obra de Pedro Vaz serve-se de vários meios para comunicar aquilo que Pedro chama de “um só acorde”, esta vivência total da natureza, a fotografia, o vídeo, os mapas mas sobretudo a pintura são a sua base de trabalho. “Tenho como base a pintura e o seu modo espacial de pensar, talvez por ter formação em pintura, ou talvez por ser um meio que me permite bastante liberdade. Não estou muito preocupado com as questões da pintura em si, mas sim com aquilo que ela me pode oferecer. Gosto de pensar a pintura de uma forma livre, mas também como um documento, um tempo, uma gravação dos meus gestos, acções e pensamentos. A pintura tem e continua a ter essa capacidade. A pintura é, para mim, o resultado de um conjunto complexo de ideias e acções.”

His fieldwork has led him to spending several days walking through landscapes as varied as the Amazon Forest and the Atlantic Rainforest, whose historical trail had been closed for several years, but his persistence and urge to experience the tropical forest prevailed, not only enabling him to do this trek, but also leading to the re-opening of the trail for other walkers. After some years in Portugal – his most natural territory – he set off for other landscapes as contrasting as the Superstition Mountains in the Arizona desert or the Alps. The series produced as a result of these experiences bear witness to a universe that is often remote or even unknown to us. “The landscape is, for me, a way of relating to nature and the way in which this relationship is expressed.”

Pedro Vaz’s work relies on a variety of mediums to communicate what he refers to as “a single chord”; this total experience of nature, photography, video, maps, but above all painting are the basis of his work. “Painting and a spatial way of thinking are the basis of my work, perhaps because I studied painting, or perhaps because it’s a medium that grants me a lot of freedom. I’m not that concerned about the questions of painting itself, but rather with what it can offer me. I like thinking about painting in an unrestricted way, but also as a document, a time, a record of my gestures, actions and thoughts. Painting has and continues to have that power. For me, painting is the outcome of a complex set of ideas and actions.”



Entre as várias conversas que temos, partilhamos a vida de Humbolt, na sua preocupação de melhor retratar e compreender a geografia da América do Sul, por vezes ironizamos com a vida de John Constable (1776–1837), pintor inglês, conhecido pelo seu trabalho sobre a paisagem na linha da tradição romântica e que, inclusive, inventou o termo “skying” quando o se devotou durante anos a (obsessivamente) pintar nuvens, pintando repetidamente até capturar o sujeito. Para Vaz, a comparação que proponho é só uma metáfora mas mostra esta linha de trabalho contínua e quase infinita que o rigor pode dar. “Procuro tanto na pintura, como no vídeo, uma sugestão, uma sugestão do que quero passar. É por isso que os reduzo, que apago sem total controlo os excessos de informação. (...) Muitas vezes este apagamento é orgânico o que aproxima o resultado ao mundo das formas naturais.”

Obras repletas de tonalidades de verdes, amarelos, ocres, por vezes roxos, azuis, cinzentos que, de um modo abstracto, permitem relacionar-nos pela sua escala, pela forma como a obra funciona numa dupla leitura: a da proximidade com a tela na observação do gesto do pincel, ou retrocedendo e permitindo que a escala de grande dimensão da obra revele um universo mais extenso. Tal como na caminhada se pode ver uma pequena pedra no trilho, que pisa o nosso pé, ao elevar o olhar, nos deixa envolver pela imagem da natureza, o mesmo acontece com o trabalho de Pedro Vaz, um trabalho completo, com diferentes escalas físicas e poéticas. ^Δ

Among our various conversations, we discuss the life of Humbolt, in his quest to better portray and understand the geography of South America, we sometimes talk ironically about the life of John Constable (1776–1837), the English painter, known for his landscape paintings in the Romantic tradition, and who even coined the term “skying” when he devoted himself for years to (obsessively) painting clouds, painting them repeatedly until he captured the subject. For Vaz, the comparison I propose is simply a metaphor, but it does illustrate this continuous and almost infinite line of work that thoroughness can deliver. “I seek a suggestion of what I want to convey in both painting and video. That’s why I reduce them, that I erase, albeit without total control, excessive information. (...) This erasure is often organic, which brings the result closer to the world of natural forms.”

Works full of shades of green, yellow, ochre, sometimes purple, blue, grey that – in an abstract way – allow us to relate to them through their scale, through the way the work acts as a dual reading: that of closeness to the canvas while observing the gestures of the brush, or stepping back and allowing the large scale of the work to reveal a more extensive universe. Just as on a walk when we might see a small stone on the path, which brushes against our foot and then, when we lift our eyes, we are engrossed by the image of nature, the same happens with Pedro Vaz’s work: a complete work, with different physical and poetic scales. ^Δ